

# Programa de Educação Cristã



Marcos Senghi Soares

# Programa de Educação Cristã

Como organizar o ensino bíblico de sua igreja

1ª edição

2016



Equipando para a vida e ministério

*Projeto gráfico e diagramação*  
Paulo Ribeiro

*Revisão*  
Suzane Lindoso

*Textos*  
Marcos Senghi Soares

Alvo Equipando  
[www.alvoequipando.com.br](http://www.alvoequipando.com.br)  
[alvo@alvoequipando.com.br](mailto:alvo@alvoequipando.com.br)

# SUMÁRIO

Capítulo 1 - Planejar para quê?	18
Capítulo 2 - Currículo	29
Capítulo 3 - Capacitação	43
Capítulo 4 - Continuidade	56

## Minhas expectativas (eu e o meu grupo)

Descreva brevemente o que você espera deste curso. Compartilhe com as pessoas. Evite ser genérico. Não use expressões como "quero aprender mais". Seja o mais específico que conseguir.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Meu compromisso (eu e o meu líder)

Para que este curso chegasse até você, muitas pessoas se empenharam. Este comprometimento se personifica, a partir de agora, na figura no seu líder multiplicador. Escreva abaixo que tipo de compromisso você assumirá com ele durante o período de duração deste treinamento.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Minha oração (eu e o meu Deus)

Uma oração é o resumo do nosso pensamento. Deus nos conhece melhor do que nós. Abra seu coração a Ele e diga quais são seus sentimentos e objetivos ao aceitar fazer este curso.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Nome: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_



# Se você acha a educação cara, experimente a ignorância!

A Bíblia é nossa fonte de instrução, chamada por muitas igrejas de sua “*única regra de fé e prática*”. Essa expressão remonta aos tempos da Reforma, que tinha como um dos seus pilares o *Sola Scriptura*, que quer dizer “somente a Escritura”. Os reformadores procuraram resgatar o lugar da Palavra de Deus como autoridade final em assuntos que envolvessem a vida humana e seu relacionamento com Deus. Eles queriam que as pessoas a conhecessem e seguissem como orientação suficiente para suas vidas. Defendiam, por isso, o livre exame das Escrituras. Esse foi o maior

legado daquele movimento.

Os cristãos protestantes sempre foram conhecidos como “o povo da Bíblia”. Eram reconhecidos por lerem e estudarem o Livro. Essa tradição é marcante e distinguia movimentos como os Puritanos, entre outros. Povos europeus e mais tarde norte-americanos foram educados sob os seus preceitos e a influência da Palavra de Deus foi decisiva para o desenvolvimento dessas nações.

No seu livro “1822”<sup>1</sup>, o escritor Laurentino Gomes compara a situação do Brasil mais de 300 anos depois de seu descobrimento à condição dos Estados Unidos, no que se refere à alfabetização e cultura:

*Era uma situação bem diferente da dos Estados Unidos, onde a cultura protestante havia criado uma colônia alfabetizada, empreendedora, habituada a participar das decisões comunitárias e a se manter bem-informada sobre as novidades*

---

1 GOMES, L.1822. Ed Nova Fronteira, Rio de Janeiro. 2010

*que chegavam da Europa. Em 1776, o ano da Independência, o padrão de vida nos Estados Unidos já era superior ao da sua própria metrópole, a Inglaterra. A circulação de jornais chegava a três milhões de exemplares por ano, marca que o Brasil só atingiria dois séculos mais tarde. Como a prática religiosa incluía ler a Bíblia em casa e nos cultos dominicais, até os escravos eram alfabetizados. O índice de analfabetismo aproximava-se de zero. Havia nove universidades, incluindo a prestigiada Harvard, criada em 1686 (grifos meus).*

Observe como a prática da leitura e estudo da Bíblia influenciou todo o modo de viver de uma sociedade, tornando-a mais desenvolvida e próspera. Essa escolha foi libertadora e decisiva para que aquela nação se tornasse o que se tornou em tão pouco tempo. No Brasil, ao contrário, grassava o analfabetismo e a alienação. Colhemos até hoje os frutos amargos do caminho seguido pelos nossos colonizadores. Aqui, lamentavelmente, os princípios da Palavra de Deus

foram sonegados ao povo, que sequer sabia ler. A ignorância era forte aliada da opressão.

Não negamos os erros históricos que foram cometidos por países protestantes ao longo da História. Infelizmente, houve desvios terríveis, movidos por interesses nada cristãos. Atrocidades condenadas pelas Escrituras foram cometidas, muitas vezes até em nome de Deus. Tais enganos, entretanto, ocorreram justamente em função de um mau uso das verdades bíblicas, o que só reforça o argumento: quando um povo abandona o conhecimento e prática do ensino bíblico, as consequências nefastas são inevitáveis. Nações crescidas no berço embalado pelos conceitos e valores da Palavra de Deus alcançaram muito maior êxito em sua trajetória, melhorando em muito a qualidade de vida de seus cidadãos, o conceito de justiça e a igualdade social. A Bíblia é a verdade. E a verdade liberta.

Podemos afirmar, por analogia, que quando uma igreja local dedica tempo, recursos e esforços para manter um ensino bíblico consistente, sempre colherá bons frutos. Jamais será em vão o investimento feito no aprimoramento e na excelência do trabalho dos ensinadores das Escrituras, desde o ministério infantil até a idade adulta. Vale a pena pensar nessa questão com cuidado. A árdua sementeira na área de ensino de uma igreja compensará em muito quando a colheita de vidas amadurecidas e fiéis começar a surgir. O ensino bíblico é uma das tarefas inalienáveis da Igreja, uma vez que *“o povo é destruído se lhe falta o conhecimento”* (Oseias 4:6, tradução livre). Para que os crentes sejam maduros, é preciso que conheçam as Escrituras e amoldem a elas suas vidas (II Timóteo 3:16).

Porém, não basta o discurso óbvio que reconheça a Bíblia como nosso guia. Não há igreja evangélica no

mundo que afirme algo diferente disso. A questão é o que essa declaração quer dizer, na prática. Isso implica em definir, claramente, a prioridade, a forma, a filosofia, os investimentos, a capacitação e as condições que serão oferecidas e/ou desenvolvidas para que o ministério de ensino de uma igreja local execute suas ações. Mais que um discurso retórico, é preciso um projeto bem definido.

O ensino da Palavra de Deus é preventivo. Assim como na área da Saúde, na qual é comprovado que a prevenção é mais barata e eficiente do que o melhor dos tratamentos curativos, assim é também na vida cristã. Se as pessoas aprenderem a pensar bíblicamente, isto é, se passarem a tomar suas decisões baseadas nos conceitos bíblicos, o tempo gasto em aconselhamentos e solução de problemas diminuirá drasticamente, bem como o estresse e o desgaste para se lidar com eles. Os cristãos estarão aptos, ainda, para discernir o erro e a

falsa doutrina.

Baseamo-nos na premissa de que as pessoas *desejam* aprender a Bíblia, desde que ela seja ministrada com qualidade. E isso não se consegue por acaso. “*O que ensina, esmere-se no fazê-lo*”, afirmou Paulo em Romanos 12:7<sup>2</sup>. Ensino de qualidade é fruto de esforço, de diligência, de transpiração e planejamento, aliados à capacitação que o Espírito Santo oferece, de acordo com o dom que cada um recebeu. Sozinho, o dom não se desenvolve. Ele depende de treinamento, de orientação e de oportunidades para florescer.

Tudo isso deve ser organizado naquilo que chamaremos de um **Programa de Educação Cristã**. Toda igreja local, independentemente do tamanho da sua congregação ou estrutura física, precisa se preocupar com isso.

Para oferecermos às nossas comunidades um ensino

---

<sup>2</sup> Uma tradução mais literal dessa passagem seria: “*o que ensina, ensine*”, dando a ideia de que nada mais deveria ocupar o pensamento e as energias de um professor, a não ser o seu encargo de ensinar as verdades de Deus ao povo.

eficiente, que edifica e transforma vidas, é preciso uma ação planejada. Ensino não é algo que acontece por acaso. Ao contrário, demanda intencionalidade e muita dedicação.

É isso que discutiremos aqui. Achamos esse assunto tão importante, que desenvolvemos um curso totalmente dedicado a ele. Nossa proposta é mais a de fazer perguntas reflexivas do que a pretensão de oferecer todas as respostas. Esperamos que ao fim e ao cabo você se sinta desafiado por Deus e entusiasmado a buscar soluções viáveis para sua comunidade.

Desenhamos esse treinamento como uma espécie de *fórum de discussões*, em que fomentaremos uma saudável e pertinente discussão sobre os destinos do nosso povo no que se refere à área de ensino bíblico. Portanto, seja bem-vindo à mesa de discussões. Participe ativamente, compartilhe suas experiências sempre que requisitado. Questione, avalie, pense,



sugira, ouça atentamente.

Permita que Deus use esse tempo que você separou para uma reflexão profunda, de tal forma que se Ele quiser usá-lo como agente de transformação e edificação, você esteja disposto e preparado.

As futuras gerações colherão o que plantarmos hoje.

## capítulo 1

# PLANEJAR PARA QUÊ?

Quando vamos sair para uma viagem de férias, o normal é que façamos, com alguma antecedência, vários preparativos. A primeira coisa é definir para onde vamos. Vários fatores (como orçamento, tempo disponível, visto de entrada em um país estrangeiro etc.) podem influenciar nessa decisão, mas dificilmente alguém sai com a família para viajar sem ter isso muito claro. Outras providências incluem agendar a data, escolher o meio de transporte e a hospedagem, estabelecer um teto para as despesas etc. Todo esse processo nada mais é do que planejamento.

Como cristãos, confiamos em Deus para nos orientar em todas as áreas da vida; contamos com Sua proteção e presença nas viagens – inclusive nas férias. Mas não espe-

ramos que o Espírito Santo compre as passagens, reserve o hotel e separe o dinheiro necessário para a alimentação e os passeios. Sabemos que essa parte é nossa responsabilidade.

No contexto da igreja local, se formos construir uma sala ou um templo, contaremos com a bênção de Deus, mas contrataremos os engenheiros para fazer a planta e o melhor pedreiro que conseguirmos. Isso também é planejamento.

Por que temos dificuldade de planejar quando o assunto é o ministério cristão? Por que achamos que nos chamados assuntos “espirituais”, tudo deve ser feito conforme as situações se apresentam? Por que costumamos reagir ao invés de agir proativamente?

Na área do ensino bíblico, ainda existem muitas igrejas que simplesmente não sabem o que será feito no domingo seguinte. Deixam, como dizem, que “*o Espírito Santo dirija*”. O que aparentemente é uma atitude profundamente espiritual, em geral esconde apenas a falta de planejamento. Depender do Espírito Santo não elimina a necessidade de organização e sistematização do ensino bíblico, uma vez

que o próprio Espírito, ao inspirar os escritores da Bíblia, utilizou os recursos cognitivos humanos. Ele usou seus estilos, vocabulários e contextos históricos. Falou para seres humanos, usando seus recursos. Esses mesmos recursos são necessários quando vamos estudar e compreender o que está escrito.

## *Filosofia de ensino*

Se perguntarmos aos líderes de uma igreja minimamente séria qual é o fundamento e o objetivo do seu ensino, eles dirão: “ensinar a Bíblia”. Essa resposta, embora corretíssima, é um tanto vaga no que diz respeito aos processos e métodos que serão utilizados para alcançar esse fim.

O que é, afinal, ensinar? Mais ainda, quando falamos em ensinar a Bíblia, o que estamos, efetivamente, querendo dizer com isso? Como poderíamos definir o conceito de Educação Cristã, aplicado ao ensino bíblico na igreja local? Falamos de uma transmissão de conteúdos e fatos decodificados a partir do seu contexto original ou estamos falando de uma conexão prática e transformadora dessas informa-

ções para a vida dos alunos? É formar ou informar?

Além disso, precisamos definir de que forma esperamos que o ensino se dê, qual o enfoque a ser adotado em todos os níveis, o perfil dos ensinadores e, em especial, como nossa igreja encara a Palavra de Deus.

O pastor e professor de teologia pastoral e sistemática Valdeci dos Santos, do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, afirma:

*De acordo com a cosmovisão cristã, o alvo do educador não consiste apenas na transmissão de conhecimento, mas requer a esperança de uma transformação do aluno a ser operada pela ação do Espírito Santo. A fim de atingir este objetivo, o educador cristão deve atentar para um esforço sistemático em termos de exposições sequenciais e interações contínuas com seus alunos, sempre buscando refletir em seu procedimento as características de um discípulo de Cristo. Dessa forma, as definições acima enfatizam a agência divina e a intencionalidade humana como es-*

*senciais à perspectiva cristã sobre a educação.*<sup>3</sup>

A definição de todos esses aspectos do ensino bíblico pode ser chamada de nossa **Filosofia de Ensino**<sup>4</sup>. Esse conjunto de diretrizes e bases do nosso ensino não pode ser implícito ou pressuposto tacitamente. Precisa ficar claro a todos e definido com termos bem entendidos e aceitos por todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Então, precisamos propor e responder a perguntas que esclareçam, quando não determinem, nossa conduta e prioridades educacionais. Esse processo é fundamental se quisermos realmente ter sucesso na tarefa. É uma discussão muito menos óbvia do que parece, pois é a partir dela que serão estabelecidas todas as ações educativas de uma igreja.

---

3 FIDES REFORMATATA XIII, Nº 2 (2008): 155-174, SANTOS, Valdeci da Silva; pg 3

4 Alguns preferem utilizar a expressão Teologia da Educação, em vez de Filosofia, por entenderem que este último termo seculariza um pouco a discussão. Neste livro, usamos intercambiavelmente os termos Educação Cristã, Ensino Bíblico, Ensino Cristão como sinônimos do processo de organizar, sistematizar e disponibilizar oportunidades para a exposição abrangente, diversificada e consistente da Palavra de Deus a todo homem, consideradas as particularidades de cada etapa de sua caminhada cristã, a fim de levá-lo a um estágio de maturidade em sua vida diária. Estamos conscientes de que, tecnicamente, esses termos podem ter outras conotações, mas aqui serão adotados com o sentido descrito acima.

A Educação Cristã, como já foi dito, não acontece sem intencionalidade. Pelo contrário, deve ser algo pensado com carinho, diligência e apreço. Trabalhar com ensino dá trabalho. Aproveite esta aula para dar um salto de qualidade no serviço precioso de ensinar a Bíblia com eficiência à sua igreja local.

## *Itens para formulação de uma Filosofia de Educação Cristã*

Uma igreja precisa definir o que quer dizer por “Educação Cristã”. As perguntas abaixo podem ajudar nesse processo. Quanto mais claro estiver cada um desses pontos e outros que surgirem durante a reflexão, mais rico e específico será o projeto a ser formulado a partir daí.

### **ASPECTOS DE CONTEÚDO**

1. O que cremos sobre a Palavra de Deus? Ela é a verdade absoluta que julga todas as verdades ou apenas mais uma entre tantas outras? Cremos na sua

inspiração divina e inerrante? Aceitamos sua autoridade sobre todas as tradições humanas?

2. Quem é Deus para nós? Ele ou o Homem ocupa o centro e o trono do Universo? Quem depende de quem? Aceitamos Deus como Soberano, Eterno e Criador, que controla a História e de cujo controle nada foge?

3. Qual é nossa antropologia? Cremos em um homem criado à imagem e semelhança de Deus, conforme descrito no livro do Gênesis, ou tentamos sobrepor à narrativa bíblica os pressupostos do cientificismo ateísta?

## **ASPECTOS DIDÁTICOS**

1. Entendemos e consideramos que as possibilidades mais variadas e criativas podem ser adotadas como ferramentas de apoio no ensino bíblico?

2. Que dons, talentos e competências esperamos encontrar entre os que servem na área de ensino?

3. Qual nossa proposta didática? O que esperamos das pessoas que servirem no ministério de ensino da



nossa igreja?

## **VISÃO DE FUTURO**

1. O que esperamos gerar nas pessoas de todas as idades e níveis de maturidade que passarem por nossas salas de aula, reuniões, treinamentos etc.?

2. Quais são os valores inegociáveis no ensino bíblico da nossa comunidade? O que esperamos ser a nossa marca e legado como igreja, em termos de Educação Cristã?

3. O que entendemos ser uma mentalidade bíblica e como esperamos fazer com que os membros da nossa igreja a desenvolvam?



## *Exercício*

---

Com base nas perguntas apresentadas no quadro ITENS PARA FORMULAÇÃO DE UMA FILOSOFIA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, discuta com seus colegas (preferencialmente os de sua igreja local) e desenvolva uma declaração, com no máximo 5 pontos, que expresse o que vocês pensam que deve ser o rumo do ensino bíblico para sua igreja.

## *Projeto de Educação*

Uma vez definida a nossa filosofia de ministério educacional, precisamos então desenvolver um plano de trabalho consoante a ela, de forma que dentro de determinado tempo consigamos ver os resultados esperados.

A base do ensino bíblico é garantirmos que as Escrituras sejam expostas a toda a igreja enquanto toda a igreja é exposta pelas Escrituras. Uma vez que já nos convencemos de que isso não vai acontecer automaticamente, precisamos responder claramente à pergunta: como pretendemos concretizar nossa visão em ações reais?

Sugerimos pensar detalhadamente em três pilares para desenvolver um planejamento para médio e longo prazo:

### **CURRÍCULO**

De que forma vamos organizar o conteúdo (ensino bíblico) para que o aprendizado tenha começo, meio e fim e possa ser avaliado ao final de cada ciclo de ensino e aprendizagem?

## CAPACITAÇÃO

De que forma vamos selecionar e preparar os docentes (professores, pregadores, facilitadores, tutores, discipuladores etc.) para que o aprendizado tenha dinamismo, criatividade e eficácia?

## CONTINUIDADE

De que forma vamos garantir que as próximas gerações vão receber o legado que lhes permitam manter o ensino sempre em alto nível?

Cada um dos capítulos seguintes deste livro se propõe a discutir um desses itens de planejamento, de forma que, ao final, você tenha em mãos algumas ideias para estimular seu trabalho de planejamento.



### Exercício

Compartilhe com seus colegas como é feito o planejamento de ensino em sua igreja, em todos os níveis.

## capítulo 2

# CURRÍCULO

**Currículo** é um termo acadêmico que indica uma grade de matérias e os conteúdos de uma determinada disciplina. Sua origem é bem explicada no excelente trabalho das professoras Ângela de Castro Correia Gomes e Leociléa Aparecida Vieira, da PUC/SP:

*Etimologicamente, curriculum é uma expressão latina significando pista ou circuito atlético – tinha ressonâncias similares com “ordem como sequência” e “ordem como estrutura” (HAMILTON, 1992, p. 10). Gimeno Sacristán (2000) frisa que o termo vem da palavra latina currere, referindo-se à carreira, um percurso a ser atingido. Enquanto a escolaridade é um caminho/curso, o currículo é considerado seu recheio, seu conteúdo e guia que levam ao*

*progresso do sujeito pela escolaridade.*<sup>5</sup>

Essa ideia é fascinante. Ela nos leva a pensar no currículo não como uma peça decorativa, que engessa o processo de ensino, mas em algo dinâmico, uma proposta concreta e clara que nos leva de um lugar a outro com energia e vida. É assim que a professora Amélia Hamze aplica o sentido do termo em seu artigo intitulado “*Currículo, movimento, percurso, caminho da vida*”:

A palavra **currículo** é de origem latina e significa o caminho da vida, o sentido, a rota de uma pessoa ou grupo de pessoas. Currículo indica processo, movimento, percurso, como a etimologia da palavra recomenda. Currículo é o ambiente do conhecimento, assim como, o espaço de contestação das relações sociais e humanas e também o lugar da gestão, da cooperação e participação. O currículo deve ser entendido como componente central do procedimento da educação institucionalizada.<sup>6</sup>

---

5 Disponível em <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2925\\_1387.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2925_1387.pdf)>. Acesso em 31 de maio de 2016.

6 Disponível em <<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/curriculo-movimento-percurso-e-caminho-da-vida.htm>>. Acesso em 18 de outubro de 2012.

A formação de um currículo, portanto, tem a ver com a definição de um roteiro que permita aos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem sair de um determinado ponto e chegar a outro pelo melhor caminho possível. Esse rumo definido evita desvios e desperdícios, otimiza o tempo e promove o crescimento tanto de professores como de alunos.

Em Educação, como em qualquer área da vida, há uma verdade inescapável: quem não tem objetivos claros não obtém resultados concretos dentro de um período de tempo. Não podemos esperar crescimento se não definimos o que pretendemos ou se seguimos a filosofia do improvisado. Assim como professores não surgem do nada, aulas e conteúdos também não são preparados por si mesmos.

Citando novamente o educador Gimeno Sacristán, é através do currículo que definimos

*que objetivo se pretende atingir, o que ensinar,  
por que ensinar, para quem são os objetivos,  
quem possui o melhor acesso às formas*

legítimas de conhecimento, *que processos* incidem e modificam as *decisões* até que se chegue à prática, *como se transmite* a cultura escolar, como os conteúdos podem ser inter-relacionados, com quais recursos/materiais metodológicos, como *organizar os grupos* de trabalho, o *tempo* e o *espaço*, como saber o sucesso ou não e as *consequências* sobre esse *sucesso* da avaliação dominante, e de que maneira é possível *modificar a prática* escolar relacionada aos temas.<sup>7</sup>

É evidente que ele está se referindo ao ambiente estudantil chamado secular. Porém, os princípios enunciados são válidos, nesse caso, também para nós, com uma ressalva fundamental: como Igreja de Cristo temos uma responsabilidade ainda maior do que as escolas públicas ou privadas. Estas educam para a vida; nós educamos para a Eternidade. Somos portadores de

---

7 GIMENO SACRISTÁN J. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática. In: \_\_\_\_\_.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. Cap. 6, p. 119-148.



uma mensagem que tem o poder de transformar vidas. A Palavra de Deus é a única chance para um mundo em confusão. Por isso, muito maior responsabilidade ela tem de se preparar adequadamente para o cumprimento de sua missão: *“ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”* (Mateus 28:20).

### *Qualidades de um bom currículo*

Um dos melhores exemplos de programa de ensino eficiente é o trabalho de Paulo entre os efésios. Esse grande mestre da fé cristã conseguiu agrupar e organizar sua prática de ensino para que em três anos (Atos 20:31) ele tivesse conseguido ministrar àqueles cristãos tudo o que precisavam saber sobre a vontade de Deus.

Se não lhes ensinou literalmente tudo sobre Deus (isso seria impossível, sendo o Eterno alguém que não se pode conhecer ou sondar completamente), pelo menos fez o que era necessário para que aqueles crentes efésios fossem edificados em sua fé. Por isso, em seu discurso de despedida para os líderes daquela igreja, ele pode resumir

seu trabalho entre eles com palavras que até hoje nos impressionam e desafiam:

*Vocês sabem que não deixei de pregar-lhes nada que fosse proveitoso, mas ensinei-lhes tudo publicamente e de casa em casa.*<sup>8</sup>

*Nunca deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus.*<sup>9</sup>

Não é extraordinário que Paulo tenha conseguido em três anos resultados que a maior parte das igrejas não consegue alcançar depois de décadas? Que assuntos teria o apóstolo abordado? Como seria seu método de ensinar? Que tipos de dinâmica ele empregava? Quanto tempo durava cada sessão? Não sabemos.

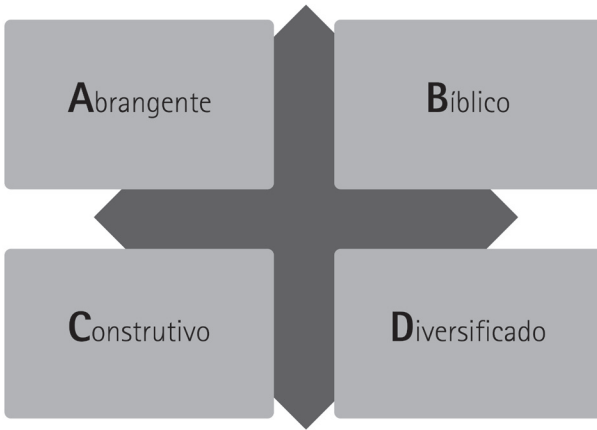
Mas esse é um exercício de imaginação que vale a pena ser feito. Para nos estimular, podemos considerar algumas qualidades fundamentais à formação de um bom currículo.

---

8 Atos 20:20 (NVI)

9 Atos 20:27 (RA)

## O A.B.C.D. de um Currículo Bíblico de Excelência



**Abrangente** – Jesus “*expunha a palavra conforme o permitia a capacidade dos ouvintes*” (Marcos 4:33). Quando ensinamos, precisamos considerar as diferenças cognitivas e as demandas específicas de pessoas com suas diferentes histórias de vida, caminhada de fé, escolaridade, cosmovisão, faixa etária etc. Ninguém pode ficar de fora e, ao mesmo tempo, cada um deve ser considerado, na medida do possível, dentro das suas características e condições.

Segundo a exortação de Paulo na carta aos Colossenses, nosso papel é exortar a “*todo homem*” (Colossenses 1:28). Isso quer dizer que todos devem ser levados em conta; todos precisam ser alcançados pelo ensino transformador da Palavra de Deus.

**Bíblico** – Nem deveria ser necessário inserirmos esse verbete aqui, por óbvio. Mas não custa lembrar este aspecto tão importante ao ensinador da Bíblia: nosso conteúdo não pode ser outro. O obreiro aprovado é aquele que “*maneja bem a Palavra da verdade*” (II Timóteo 2:15). É o que “*prega a Palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda longanimidade e doutrina*” (II Timóteo 4:2). Interessa-nos interpretar o mundo e a vida à luz da Bíblia, não o contrário.

Por isso, um currículo deve considerar a exposição completa das Escrituras. Não basta o ensino através de tópicos ou temas do cotidiano. O ensino livro por livro é fundamental para que os cristãos capturem uma visão global da Bíblia e, assim, tenham uma compreensão correta

de sua unidade e correlação, de forma a poderem interpretá-la adequadamente.<sup>10</sup>

**Construtivo** – o objetivo do ensino cristão é promover edificação. Não estamos filosofando ou preenchendo o tempo com discussões de opinião. Temos pouco tempo a cada semana para investir no ensino bíblico. Concorremos com demandas diárias na vida dos professores e alunos. Então, é preciso remir o tempo ao máximo. Assuntos relevantes e pautados nas verdades eternas da Palavra de Deus é tudo o que queremos.

Nosso currículo será relevante na proporção em que nos levar à maturidade e ao crescimento na graça e no conhecimento do Santo. As discussões e polêmicas não ajudam em nada nem devem fazer parte das nossas atividades de ensino (I Timóteo 1:4)

**Diversificado** – Paulo, como já citado neste capítulo, falou que ensinava “*todo o desígnio de Deus*”. Isso indica que seu cardápio era variado. Ele abordava todos os assuntos

---

10 Veja o anexo 1 na página 70 sobre as Modalidades de Ensino Cristão

relevantes à fé. No mesmo texto ele testemunha: “*jamais deixando de anunciar coisa alguma proveitosa*” (Atos 20:20). O currículo de uma igreja não pode se limitar a uns poucos assuntos repetidos indefinidamente. A Bíblia oferece uma sinfonia preciosa demais para ser limitada a uma nota só.



## Exercício

Como você avalia cada um desses itens no currículo da sua Igreja? O que poderia ser feito para melhorá-lo?

<b>A</b>	<b>B</b>
<b>C</b>	<b>D</b>

## *Duração de um currículo*

Um currículo precisa ter prazos bem definidos. Ao optar por uma classe ou ambiente de ensino o aluno precisa saber, com a maior precisão e clareza que for possível, por quanto tempo um determinado assunto ou livro será estudado. Isso estimula a participação e dá um rumo ao planejamento das aulas por parte dos professores. Quando não se estabelece o tempo de duração de um programa, corre-se o risco de torná-lo cansativo e detalhista, perdendo o foco. Além disso, os alunos podem se sentir desencorajados por participarem de uma sala que se soube quando começou, mas que não se tem ideia de quando vai acabar.

Não há um prazo ideal, pois isso depende do contexto e dos objetivos propostos pelos coordenadores de ensino. Mas definir o tempo de cada ciclo de aprendizagem é importante para que os envolvidos no processo consigam perceber de onde saíram e onde chegarão, introduzindo uma clara perspectiva de começo, meio e fim, fundamentais em qualquer área de ensino. Além disso, somente quando se

estabelece previamente o tempo de cada ciclo é que se pode avaliar o desempenho de professores e alunos.

Veja no quadro abaixo algumas possibilidades de duração de um currículo.

TEMPO DE CURRÍCULO		
PRAZO	DURAÇÃO	EXEMPLOS DE CONTEÚDO
Longo	1 ano ou mais	Estudo Sistemático (livro por livro); Teologia Sistemática
Médio	6 meses a 1 ano	Panoramas da Bíblia; Estudos de personagens bíblicos; Estudos de blocos de livros (Pentateuco, Livros Poéticos etc.)
Curto	1 a 6 meses	Interpretação da Bíblia; Matérias temáticas (Fé e Ciência; Família; Finanças Pessoais etc.)

## *Escolha do material didático*

É a última coisa a ser decidida em um projeto de Educação Cristã. Geralmente ocorre o contrário: os responsáveis por essa área da igreja começam pela definição do material a ser utilizado.

Isso acontece quando a Filosofia de Ensino e o Currículo não estão definidos. Até porque, nesse caso, qualquer coisa



serve. O material didático vira o projeto. Quando se faz um planejamento, a partir de uma visão pré-estabelecida, o processo se inverte. É o material didático que se encaixa no projeto.

O material pode ser **próprio** (a depender da disponibilidade e habilidade de sua equipe para desenvolvê-lo), **adotado** (adquirido de uma editora ou em uma livraria) **ou adaptado** (a partir de uma igreja que desenvolve ou utiliza em sua realidade). Em qualquer caso, certifique-se de não reproduzir ou copiar qualquer parte sem autorização dos respectivos autores e editores. Essa atitude além de antiética, é grave pecado.

Quem trabalha com educação cristã precisa estar atento às possibilidades editoriais e ministeriais. Precisa se informar, conhecer, visitar outras igrejas, manter uma rede de contato com outros educadores, ler, pesquisar, saber o que está acontecendo.

Há em língua portuguesa uma grande variedade de revistas e livros, para todas as idades. Se não bastarem,

nunca se deixe limitar pelas possibilidades existentes. Há também muita gente talentosa e capaz de desenvolver algo específico para sua igreja, surgida de sua própria equipe.



## Exercícios

1. Relacione as vantagens e desvantagens de uma igreja seguir um currículo.

2. Quais são as possibilidades de duração de um currículo que mais se adequam à sua realidade?

## capítulo 3

# CAPACITAÇÃO

*Como escolher sua equipe de professores*

O coração de qualquer projeto de ensino é o professor. Um excelente currículo, boas instalações e um bom material didático, colocados à disposição de um professor mal preparado simplesmente não funcionam. É o indispensável elemento humano<sup>11</sup> a conduzi-lo, no poder e unção do Espírito Santo, que impulsiona o planejamento de educação.

Professores são até certo ponto líderes, uma vez que têm uma forte influência na vida das pessoas. Eles desempenham um papel estratégico na formação espiritual de

---

<sup>11</sup> Indispensável no sentido de que Deus assim o escolheu e determinou; não que o Senhor dependa do ser humano para realizar Seus propósitos, mas porque foi essa a Sua decisão: fazer dos remidos os agentes pelos quais Sua Palavra é ministrada.

uma igreja. Desde o maternal até as classes de maturidade, eles estarão presentes. Estarão nos púlpitos, na condução de grupos pequenos ou células, nos momentos de ministração dos eventos etários e assim por diante.

Portanto, devem ser escolhidos a dedo. Dê prioridade a essa decisão, colocando-a como um assunto fundamental do seu programa de educação cristã, algo a ser levado diligentemente a Deus em oração, discutido com maturidade e decidido sem pressões de qualquer sorte.

Estabeleça os critérios de seleção com cuidado. Isso mesmo: de **seleção**. Porque este é o primeiro fator a ser levado em conta: qualquer um não serve para o ensino; todo mundo também não. Há pessoas certas, dotadas por Deus de habilidades espirituais e humanas, que poderão desenvolver também certas competências necessárias à área de ensino de cada igreja local.

O que deve ser considerado na hora de convidar alguém para ser um ensinador?

## DOM

A primeira coisa a ser analisada é o dom espiritual dos candidatos. Ensinar a Bíblia não é uma tarefa que se consiga fazer sem a capacitação espiritual necessária. O dom de ensino é definido em nosso livro **Dons Espirituais**<sup>12</sup> como “*a habilidade para descobrir, esclarecer, explicar e comunicar as verdades bíblicas com proveito e edificação, de forma pública ou particular*”. Sem isso, não teremos bons professores.

Uma pessoa que atua profissionalmente como educador ou pedagogo em uma faculdade não está, por essa razão, necessariamente habilitada para ministrar a Palavra de Deus. São coisas distintas. Muito embora possam acontecer coincidências nesse sentido (nesse caso com grandes vantagens), em que um professor ou orador secular se torna também um ensinador das Escrituras, o primeiro requisito para o serviço de ensino bíblico não é o profissional ou acadêmico, mas a dotação espiritual.

Da mesma maneira, uma pessoa que tem um bom co-

---

12 Módulo 1 do currículo do Ministério Alvo.

nhecimento bíblico e uma vida santa não está automaticamente recomendada para ser professor na Escola Dominical. Todo cristão tem o dever de conhecer sua Bíblia e andar em santidade, mas isso não quer dizer que todos os crentes serão capazes de comunicar esse conhecimento aos outros.

Não tenha dúvidas quanto a isto: investigue o dom das pessoas para evitar colocá-las no lugar errado. Peça a ajuda de Deus para identificar os verdadeiros professores e mestres da Palavra. Eles já estão ali em sua comunidade, porque Deus afirma que os deu à igreja (Efésios 4:11-12). Você precisa apenas identificá-los e dar oportunidade e condições para que desempenhem seu serviço.

## ESPÍRITO DE SERVO

Costuma-se chamar as pessoas que trabalham no ministério de ensino (seja no departamento infantil, juniores, jovens ou adultos) de “voluntários”. Cremos que é preciso alterar a nomenclatura e, especialmente, o conceito. Na igreja não somos voluntários, mas **servos**. Há uma diferença fundamental entre essas duas coisas.

Voluntários fazem o que querem, quando querem, enquanto querem. O poder de decisão sobre o trabalho e seu envolvimento com ele está em suas mãos. Servos fazem o que é necessário, quando é necessário, enquanto for necessário.

Portanto, ao trazer pessoas para sua equipe, deixe claro o que você está buscando. Voluntários vêm e vão, ao fragor de suas emoções, sentimentos e desejos. Servos permanecem, mesmo diante das circunstâncias adversas, dos momentos ruins e dos dias em que dá vontade de desistir.

Prefira os **servos**. Os ensinadores, em geral, podem apresentar uma tendência a achar que são insubstituíveis. Podem ser levados a pensar, por causa do dom especial que possuem, que sabem mais do que os outros. E por isso podem desenvolver certo espírito independente. Deixar claro esse conceito de servo é muito importante na montagem de um time que se veja a serviço do Corpo, para a glória de Deus. Se todos souberem discernir essa ideia, sua equipe já começará a ensinar antes mesmo de abrir a boca.

## TREINAMENTO

Uma vez identificadas as pessoas dotadas com o dom de ensino e espírito de servo em sua igreja local, o passo seguinte é prepará-las para exercer o serviço. Muitos ensinadores na ativa nunca tiveram a oportunidade de receber uma orientação mínima a respeito de recursos e técnicas que aperfeiçoem a comunicação. Grande parte dos professores nas igrejas aprendeu com a prática, o que pode significar que simplesmente esteja repetindo o *modus operandi* dos seus antecessores – o que nem sempre quer dizer boa qualidade de ensino.

É preciso ter claro na mente que o dom espiritual tem de ser ativado, exercitado e desenvolvido. Sozinho, ele não presta um serviço bem feito. Um professor precisa conhecer os fundamentos básicos da comunicação. Precisa saber fazer um plano de aula, compreender a necessidade de avaliar seu público-alvo, aprender a conduzir uma aula interativa através de perguntas abertas etc.<sup>13</sup>

---

13 Estes assuntos e muitos outros afins são abordados nos outros livros deste Módulo: Métodos de Ensino I (teorias de comunicação) e II (workshop para professores)



O treinamento de um professor deve abranger uma capacitação teórica (cursos, encontros pedagógicos e andragógicos, leituras e pesquisas etc.) e também uma experiência prática, preferencialmente iniciada em ambiente experimental (como visitar outras igrejas para conhecer outras formas de comunicar, dar uma aula sob a supervisão de alguém mais experiente etc). Falaremos disso mais detalhadamente no capítulo 4 (Continuidade).

Esse processo pode ser seguido por qualquer igreja, independentemente do tamanho da membresia ou do volume de recursos financeiros disponíveis. Não é uma questão apenas de dinheiro ou estrutura, senão muito mais uma questão de visão. Se Deus fornece os dons, a igreja pode estar certa de que os professores estão lá. Basta identificá-los e prepará-los. Se uma comunidade não consegue fazer isso por si só, deve buscar ajuda. Há inúmeros recursos e possibilidades de capacitação hoje em dia.

O Ministério Alvo, por exemplo, existe para auxiliar as igrejas na área de treinar professores e líderes para que exer-

çam seu trabalho com excelência. Há outras opções excelentes com a mesma finalidade. Se houver a visão, haverá também a disposição para investir em capacitação, essencial para a adequação de sua equipe às novas demandas da comunicação na era digital que vivemos.

Se realmente cremos na Bíblia como a Palavra transformadora de Deus, precisamos nos esforçar ao máximo para que ela seja ensinada da maneira mais clara e eficiente que conseguirmos.

## **E QUANDO A IGREJA JÁ COMEÇOU DE OUTRA FORMA?**

Boa parte das igrejas não usaram os critérios acima expostos para escolher seus professores e pregadores atuais. Algumas até hoje fazem essas indicações via eleições gerais e abertas, das quais todo e qualquer membro pode participar, independentemente do seu perfil pessoal. Outras mantêm um sistema vitalício, no qual o professor torna-se quase dono da classe ou do púlpito. Não há espaço para outros ministrarem e assim fica até que o titular morra, mude de igreja ou decida se aposentar. Outras, ainda, veem-se em

uma necessidade perene. Ao longo dos anos, estão sempre com falta de professores preparados. Em razão disso, quem se dispuser acaba sendo indicado para o púlpito ou para a sala de aula.

Por essas ou outras razões, pode ser que sua igreja simplesmente não tenha pensado ou tenha resistência em adotar a ideia de selecionar melhor aqueles que têm condições de se envolver com ensino na igreja. Reconhecemos que essa é a presente em muitos lugares, mas ela não pode ser usada como desculpa para que as coisas permaneçam como estão. Pode ter faltado informação, pode estar faltando visão e pode até não haver a chamada *vontade política* para se introduzir uma nova mentalidade quanto à Educação Cristã. Algo tem de ser feito.

Se você é um dos presbíteros ou pastores de sua igreja e a realidade é como descrita nos parágrafos acima, é sua responsabilidade conduzir a comunidade a um outro patamar de qualidade no ensino. Caberá a você e à equipe pastoral corroborar as ações de mudança que serão necessárias

para que, em algum tempo, somente pessoas qualificadas e bem treinadas, seguindo um currículo bem elaborado e com uma clara visão de futuro, sejam os responsáveis para ministrar a Palavra de Deus em sua igreja.

Caso você não detenha autoridade pastoral em sua igreja, o caminho poderá ser mais longo, uma vez que as decisões nem sempre passarão por suas mãos. Com muita oração e paciência, será preciso, antes de tudo, trazer informação à liderança e à comunidade. Repartir com eles o que você está considerando neste livro é o primeiro passo. Incentivar outros a participar de treinamentos como este pode ser outro. Disponibilizar livros, artigos ou vídeos a respeito do assunto. Atuar até o limite da sua competência para melhorar o que estiver ao seu alcance.

Os exercícios abaixo devem ajudá-lo nessa direção. O importante é não se acomodar ou achar que as coisas nunca poderão ser diferentes. Se você está lendo e fazendo este curso, é porque crê que Deus pode usá-lo para mudar o cenário.



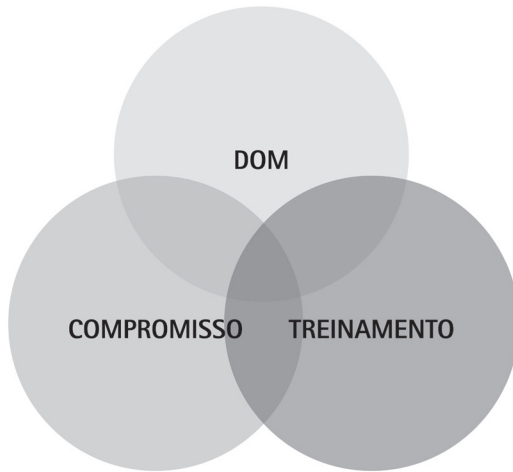
## *Exercícios*

---

1. Defina o perfil de professores para seu projeto de Educação. Além daqueles mencionados neste capítulo, sinta-se livre para acrescentar os itens que julgar pertinentes à sua realidade local.

2. Quais são os principais empecilhos para implementar esta mentalidade sobre o Ensino Bíblico em sua igreja? Que estratégia você poderia utilizar para mostrar aos seus líderes e/ou colegas de ministério que este é um bom caminho?

## *O ciclo do sucesso ministerial<sup>14</sup>*



O **dom**, como sabemos, é uma graça concedida por Deus. Não há participação nossa, seja por merecimento ou por fidelidade. Nós simplesmente o recebemos. Todos nós temos pelo menos um ninguém tem todos eles.

O **treinamento** é responsabilidade da igreja, através dos membros mais maduros e experimentados. Uma vez identificado o dom de uma pessoa, ela precisa ser acompanhada por alguém e ter oportunidades de exercê-lo, para aprimorar as habilidades e encontrar seu lugar e função no Corpo de Cristo.

---

14 Extraído da apostila Dons Espirituais, do Alvo – Equipando para a Vida e Ministério, página 19.

O **compromisso** é a parte que cabe 100% a cada crente. É a única parte cuja responsabilidade só pode ser assumida individualmente. Ninguém pode ter compromisso pelo outro. Aqui, cada pessoa responde por si. Podemos exortar, animar, acompanhar, treinar e gerar oportunidades, mas se um cristão não quiser assumir sua própria consagração a Deus e ao Seu serviço, ninguém mais poderá fazê-lo.

## capítulo 4

# CONTINUIDADE

A implantação de um bom projeto de Educação Cristã em uma igreja pode levar alguns anos e certamente vai dar muito trabalho. Portanto, seria desanimador imaginar que todo esse esforço venha a se perder por falta de continuidade nas gestões futuras em uma igreja.

Por maior competência e *expertise* que uma liderança tenha, seu tempo vai passar. Para manter ativo o ciclo virtuoso do ensino bíblico, uma igreja deve se preocupar em investir também na continuidade. O maior legado de um líder é a formação de outro líder. A única forma de não deixar morrer a mentalidade de excelência, conteúdo e eficiência de um projeto é inserir nele mecanismos de reprodução, para que seus efeitos permaneçam.



Não basta então que você, como coordenador da área de ensino, estabeleça uma filosofia de ensino e trace um bom programa. É preciso também envolver, desde o começo, mais pessoas que compreendam o valor do ensino sistemático, eficiente e atraente das Escrituras, que creiam no poder transformador da Palavra de Deus e que entendam a importância basilar da Bíblia na formação dos valores cristãos.

*Os dons são para sempre,  
os professores não!*

Entendemos que um dom é a capacitação dada por Deus a um salvo para o exercício eficiente do seu ministério. Esses dons são irrevogáveis e permanentes (Romanos 11:29)<sup>15</sup>. Deus não retira um dom outorgado. Isso quer dizer que não há aposentadoria prevista para um ensinador da Bíblia (como de resto para nenhuma outra função no Corpo de Cristo). A pessoa estará sempre habilitada, do ponto de vista da capacitação carismática<sup>16</sup>, para o exer-

15 Reconhecemos que este texto pode não se referir necessariamente aos dons espirituais

16 Carismática vem de charisma, que significa “graça” e é usada para descrever o dom espiritual.

cício desse trabalho. Se o seu exemplo de caráter e santidade também for mantido, ele vai ser um professor até o fim de seus dias. Entretanto, esse fato não garante que um professor seja eterno em sua posição em determinada sala de aula ou púlpito. O uso do dom pode variar, influenciado por muitos fatores que não controlamos. Não podemos prever o que vai acontecer no dia seguinte. De uma hora para outra, podemos perder uma parte significativa de nossa equipe de professores, voltando à estaca zero depois de tanto esforço para formá-la. O dinamismo da vida, nesse caso, não é nosso aliado. A igreja cresce, as pessoas se mudam, adoecem, morrem, pecam. Nada é para sempre.

Por isso, precisamos nos preparar para evitar surpresas, investindo fortemente no conceito de *Continuidade*. A renovação dos quadros é saudável e necessária. É preciso abrir espaço para que outras pessoas que tenham o mesmo dom possam exercê-lo, de forma que não sejamos pegos de surpresa pelas circunstâncias que não pudemos prever.

É comum encontrar casos em que um bom educador

cristão desenvolveu um excelente trabalho enquanto esteve na liderança da área de ensino, mas não deixou pessoas preparadas para dar continuidade após sua partida. Para evitar que isso aconteça, observe atentamente alguns cuidados que podem ser tomados.

### *Professor como parte da equipe*

A atuação de um ensinador, seja ele professor, pregador ou discipulador, não se deve limitar ao púlpito ou à sala de aula. Todos os atores na tarefa de ensinar precisam se sentir responsáveis não apenas no curto prazo (a aula ou a pregação em si), mas também no médio e longo prazo (participação, compreensão e desenvolvimento do currículo, do projeto e de sua continuidade).

É necessário conscientizar os docentes de que seu trabalho vai além do ato de comunicar conteúdos. Eles precisam se tornar corresponsáveis pelas vidas às quais ministram, exercendo um certo nível de pastoreio de seus alunos. É importantíssimo que os professores acompanhem com interesse, na medida do possível, o crescimento

e evolução pessoal de seus alunos. Isso não se faz apenas na sala de aula.

É o caso daqueles que entram em contato quando percebem a ausência de um aluno. Ou daqueles que se preocupam em chamar seus alunos pelo nome, mostrando interesse por suas dificuldades ou lutas pessoais. Se o aluno perceber um genuíno cuidado com sua vida por parte do professor, os resultados do ensino serão muito maiores.

Essa postura nem sempre será natural, até porque uma característica das pessoas que têm o dom de ensino é uma habilidade reduzida ou limitada para relacionamentos. Por isso, é um grande desafio para os líderes da Educação Cristã ajudar sua equipe a desenvolver uma boa atitude relacional, mostrando como isso afetará positivamente sua prática de ensino e os impactos na formação espiritual dos alunos.

Além disso, os docentes precisam, como se diz no Brasil, “comprar a ideia” do projeto educacional adotado, tanto da filosofia de ensino como do planejamento. Isso se faz

por meio de uma comunicação clara, bem como pela adoção de medidas práticas: a participação deles em reuniões pedagógicas e administrativas<sup>17</sup>, a garantia de que serão ouvidos – não apenas avaliados, alguma medida de participação na própria construção da filosofia de ensino (conforme exposto do primeiro capítulo) são algumas delas.

Não quer dizer que todo professor deverá ser ou agir como um líder do ministério nem que todas as decisões devem ser tomadas na forma de voto democrático. Isso nem sempre funciona com eficiência. O coordenador da área de ensino é o responsável pelas decisões finais e deve ser o primeiro a propor o rumo e a filosofia do ministério. Mas ele não precisa levar em conta somente a sua opinião. Se os demais docentes participarem ativamente, como parte interessada e atuante, o projeto será mais rico e bem feito.

---

17 Reuniões pedagógicas precisam ser frequentes (no mínimo 4 vezes por ano) e eficientes. É preciso haver uma pauta bem definida, horário de começar e terminar, comunicação direta de ações, decisões ou planos, possibilidade de participação e opinião. Caso contrário, tornam-se enfadonhas e serão evitadas. Programar e conduzir uma reunião de trabalho é uma competência que todo líder precisa adquirir.

## *Professor como desenvolvedor de talentos*

É parte integrante da função de um professor passar adiante o investimento que tenha sido feito nele, por meio da formação de novos quadros que deem continuidade ao ministério. É preciso mostrar sua importância e papel histórico que um professor pode ter ao identificar e treinar um novo professor.

O maior celeiro de ensinadores de uma igreja é a sala de aula. Ali estão os grandes interessados no ensino bíblico. Incentive os atuais professores a observar em seus alunos a intensidade, o interesse e a participação deles durante as aulas, a clareza de seus pensamentos, a postura em relação aos professores e demais colegas. Quando identificar alguém com potencial, comunique isso aos líderes (mesmo antes de fazer um convite formal, pois há outros aspectos pastorais envolvidos no apontamento de um mestre ou pregador). Ali pode haver um dom de ensino aguardando a chance de desabrochar.

O que muitas vezes inibe essa prática é o medo da comparação. Se um professor parou no tempo, não desenvolveu novas formas de ensinar ou se considera no auge do seu desempenho, talvez tenha algum receio de que surja alguém mais bem preparado do que ele. O que vai dizer, se algum de seus alunos o superar e cair na graça do povo?

Pensar assim é um grande absurdo. Denota, antes de tudo, que o espírito de servo exigido de um bom professor não está presente. Depois, indica uma visão extremamente limitada sobre o serviço cristão. Ver alguém que você descobriu florescendo no ministério é um privilégio indescritível. O prazer de ter um “pupilo” se desenvolvendo e servindo a Deus não tem preço, além de tornar o processo de formação muito mais eficiente e barato.

Novos professores não são concorrentes, são parceiros que levarão adiante o trabalho que ora desenvolvemos. E se o fizerem melhor do que nós, será motivo de maior gratidão a Deus, que nos deu a oportunidade de descobri-los e treiná-los para a obra do ministério.

## *Troque o professor substituto por professor em desenvolvimento*

Nas igrejas onde se adota um modelo no estilo sala de aula (como a tradicional Escola Bíblica Dominical ou similar) é muito comum ainda hoje a figura do professor titular, aquele que é o principal responsável por uma classe. Ao seu lado aparece o professor substituto que, por definição, está ali somente para assumir o lugar do titular na ausência deste. Não é raro identificar esse grupo como “a classe do fulano”.

Esse modelo não funciona bem, especialmente por duas razões: a primeira é que o professor mais experiente nunca tem a oportunidade de ouvir o seu substituto, pois é ele quem ministra sempre que está presente. Assim, não consegue sugerir melhorias nem corrigir deficiências de comunicação ou de conteúdo que o outro possa apresentar. Não há evolução ou desenvolvimento. A segunda é que o professor em treinamento pode se sentir pouco prestigiado, pois só tem “utilidade” para substituir alguém que



está ausente. Ele é apenas um tapa-buracos. Não tem perspectivas de assumir a responsabilidade um dia.

Nossa sugestão é que se desenvolva o conceito de uma **equipe de professores**: um grupo de dois ou mais docentes que trabalhem em conjunto. Até mesmo a nomenclatura pode ser melhorada: em vez de *professor titular e professor substituto*, prefira algo como *professor experiente e professor em treinamento*. Mais do que uma questão semântica, o que pretendemos é modificar o modelo de gestão e formação.

Nesse caso, todos eles (que foram previamente selecionados em função de seus dons, espírito de servo e habilidades de comunicação) passam a assumir a responsabilidade pela sala. Na medida do possível, devem estar presentes em todas as aulas. O professor experiente deve orientar, incentivar e abrir espaço para que seus colegas atuem, sob sua supervisão. Deve ouvi-los ministrar uma aula, ou pelo menos trechos dela, oferecendo palavras de incentivo pelos pontos positivos bem como sugestões de melhoria para os pontos negativos. Dessa forma, vai se criando um vín-

culo de mentoria, que aproveita o potencial sinérgico<sup>18</sup> dos professores, de modo que os dois lados ganham.

Você poderia alegar: “*Mas eu não consigo arrumar nem um professor por sala, como vou conseguir dois ou três?*”? A dúvida é pertinente e precisa, sim, ser levada em conta. A questão é que, muito provavelmente, a razão principal por que você não tem professores suficientes é a falta de investimento e planejamento consciente. A partir de agora, esperamos que use alguns dos princípios e sugestões apresentados neste livro-curso e, então, comece a ver pouco a pouco o surgimento de mais pessoas dotadas com o dom de ensino e desejosas de servir nessa área. Então, você poderá adotar este novo modelo de desenvolvimento de professores.

### *Incentive o desenvolvimento pessoal*

Acreditamos firmemente que a igreja deve prover, tanto quanto for possível, o treinamento formal e informal para

---

18 Ação simultânea. Usado em conjunto. Ação cooperativa de agentes sobre o organismo, de tal sorte que seu efeito é maior que a soma dos efeitos de cada um dos agentes aplicado isoladamente. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/sin%C3%A9rgico/>>. Acesso em do em 23 de outubro de 2012.

que os professores, pregadores e discipuladores exerçam seu ministério cada vez com maior competência. Capacitação é investimento, não custo. Quando bem orientado, sempre trará resultados positivos.

Mas um ensinador não deve se limitar ou se acomodar àquilo que é oferecido pela liderança de sua igreja. Ele mesmo precisa ser interessado em desenvolver-se por si mesmo. Nesse aspecto, um dos maiores incentivos será o exemplo e a orientação que os líderes do ministério de ensino possam oferecer.

Troque informações, participe de grupos de educadores cristãos, leia muito e recomende leituras, inscreva-se em cursos sobre comunicação, procure informação sobre a nova geração e seus processos cognitivos. Não fique parado. E, enquanto faz isso, procure incentivar seus liderados a fazer o mesmo.

Com o tempo, uma cultura de excelência vai começar a se estabelecer, permeando toda a equipe, num círculo virtuoso que será o combustível para que seu projeto per-

maneira influenciando muitas gerações.



## Exercícios

1. Qual a opinião do seu grupo sobre o conceito de Professor em Desenvolvimento e Professor em Treinamento apresentado neste capítulo?

2. Quais desafios você teria para implantar este modelo de continuidade na sua comunidade?

3. Que incentivos ou sugestões você poderia levar para a próxima reunião com seus professores, pregadores e discípulos?

## Modalidades do Ensino Cristão

(Adaptado do livro Métodos de Ensino I – Teorias de comunicação)

<b>PREGAÇÃO PÚBLICA</b>	<b>GRUPOS DE ENSINO</b>	<b>DISCIPULADO INDIVIDUAL</b>
Exemplo: Atos 17:1-4	Exemplo: Mateus 13:36	Exemplo: Atos 18:24-26
Exposição	Interação	Acompanhamento
Formalidade	Informalidade	Intimidade
Multidão	Círculo menor	Indivíduo
Oratória	Aula	Conversa
Distância física	Proximidade física	Olho no olho

### **Coloque as pessoas no lugar certo**

Cada ensinador pode ter maior facilidade com uma dessas modalidades, não necessariamente com todas. Procure identificar esse perfil e alocar pessoas de acordo com ele.

### **O púlpito como fonte de nutrição**

A pregação pública na Igreja é, tradicionalmente, uma grande oportunidade de edificação. Use o púlpito de forma consistente e criativa. Considere esta modalidade como parte do projeto de ensino, não como uma entidade isolada. Intercale séries de estudos sobre um determinado assunto ou livro com

mensagens inspirativas ou proféticas.

### **Grupos de ensino**

Além da tradicional Escola Dominical, igrejas do mundo inteiro estão utilizando cada vez mais o sistema de grupos pequenos (células ou encontros nos lares). Esse espaço mais interativo abre muitas oportunidades para o ministério de ensino, exigindo inclusive um preparo técnico diferente daquele que servirá para o púlpito.

### **Discipulado pessoal**

A foco desta modalidade é o acompanhamento. Além da ênfase relacional, a exposição das verdades bíblicas também está incluída. Parte da ordem de “*fazer discípulos*” é “*ensinar todas as coisas que vos tenho ordenado*” (Mateus 28:19,20). Quem não se dá bem com o púlpito pode se encontrar perfeitamente aqui.

“*Cada dia investido em ensino economiza cinco de aconselhamentos e reuniões.*”

Conheça o curso de Liderança de Ministérios, que ensina o passo a passo do planejamento, aplicável a todas as áreas de uma igreja local.

